



FAROL

CAJUCA

ANO 1 Número 3

NA LUZ A VERDADE

SET.-OUT. 1979



FAROL

VOZ DA COMUNIDADE CRISTÃ CABOVERDIANA NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

N U M E R O 3

PUBLICAÇÃO MENSAL

Set.- Out. 1979

SUMÁRIO

- Pg.39 Padre Celestino Poetto
- Pg.39 Editorial
- Pg.41 Bênção de S.Francisco
- Pg.42 Reflexões
- Pg.43 Salve Rainha
- Pg.44 Renovação no Espírito
- Pg.45 Londje di Cabo Verde
- Pg.46 A procura da nossa identidade - A Morna
- Pg.48 Ilha perdida (conto)
- Pg.51 João Paulo II em Boston
- Pg.52 Noticiário

A NOSSA CAPA

JESUS DISSE:
EU SOU O CAMINHO,
A VERDADE E A VIDA.
A nossa capa representa a família cristã unida se guindo a cruz de Cristo.

AVISO

Depois dos primeiros passos incertos, o " FAROL " começa a dar com regularidade. Ele sairá no dia 5 de cada mês. Pedimos aos redactores e colaboradores a fineza de nos enviar artigos, desenhos e notícias até o dia 20 de cada mês. Agradecemos de coração os assinantes e pedimos que continuem na campanha para novas assinaturas. Muito obrigado.

O Farol

DIRECÇÃO
Missionários Capuchinhos
St.Patrick's Rectory
10 Magazine Street
Roxbury, Mass. 02119

ASSINATURA ANUAL (12 números)

Ordinária \$ 6.00
Amigos \$ 10.00
Benfeitores \$ 20.00

GRÁFICA E IMPRESSÃO

COPY MASTERS PRINTING SERVICE
802 Bay Street
Taunton, Mass. 02780
(Quim) Frank Leitão
(617) 824-7187

Com autorização dos Superiores

Padre Celestino Poetto



P. Celestino descansando na beira dum caminho do Fogo

Todo o homem percorre um caminho: aquele que conduz às alturas eternas ou a aquele que leva aos baixos fundos da realidade de onde, por detrás do prazer, do dinheiro, do orgulho, reina a dor, a miséria, o desespero e o não-senso da vida.

O primeiro difícil, o outro fácil.

Alguns escondem-se nas vagas da indecisão.

O primeiro é o caminho do bem.

O segundo é o caminho do mal.

PADRE CELESTINO, segundo o estilo de São Francisco escolheu o caminho difícil, o do amor para o qual, com o exemplo, chamava todos os irmãos. Nem sequer teve a satisfação de percorrer todo o caminho, pois de repente adormeceu no Senhor.

Na frente de combate viveu.

Na frente de combate tombou,

sem que os irmãos o pudessem ajudar.

Mas os irmãos amaram, amam e sempre amarão este humilde operário de Cristo.

Padre Boaventura D'Urso
Provincial dos Capuchinhos do Piemonte

Editorial

A unidade entre os Caboverdianos espalhados nos Estados Unidos é um dos motivos principais da existência do "FAROL" e o tema dominante de os nossos editoriais.

Iremos, pouco a pouco, estudando e descobrindo motivos e meios que nos possam unir cada vez mais: emigrantes da velha e da nova geração, provenientes de Ilhas diferentes e enraizados em diferentes Estados e cidades da América.

* * *

No "Editorial" anterior, focamos um ponto comum de unidade: a fé dos Caboverdianos. Todos os Caboverdianos acreditam em Jesus Cristo, (mesmo se infelizmente divididos em Igrejas diferentes) e esta fé, vivida mais intensamente dará um carácter de unidade ao nosso povo como nos tempos antigos a fé no Único Deus unia o Povo de Israel.

* * *

Jesus Cristo é o Filho de Deus que se fez homem para nos salvar e que se fez homem para nos reunir. Multidões de povos e raças diferentes se reuniam para ver o mesmo Jesus, ouvir a mesma Palavra, receber o mesmo amor. E para todos Jesus sofreu e morreu na Cruz. Para todos ressuscitou, e o dia da Ressurreição; o Domingo, tornou-se o dia do Senhor e o dia de todos aqueles que acreditam e que, acreditando, se reúnem para ouvir a palavra, mas sobretudo para conviver com o mesmo Jesus pre-

sente na Missa e na Assembleia dominical e comer a Sua carne.

* * *

Quando a maioria dos Caboverdianos sentir que Jesus Cristo presente na Missa ou numa Assembleia reunida no seu nome os chama para os reunir num só povo, metade do caminho para a Unidade já será andado. Mas aqui surge uma dificuldade que se torna objecção comum: - Vivemos muito espalhados, distantes uns dos outros, com poucas possibilidades de nos reunir em Assembleias religiosas Caboverdianas, etc.

É verdade! Porém já existem Igrejas com Missas para Caboverdianos como em Pawtucket, Roxbury, New Bedford. Em outras Igrejas há Missa para Caboverdianos uma ou duas vezes por mês. Há Igrejas de língua portuguesa com possibilidades de larga participação de fieis caboverdianos como East Providence, Taunton, Cambridge, Sacramento etc. Com um pouco de esforço e de espírito de sacrifício é possível para muitos participar a estes encontros religiosos Caboverdianos e assim, rezando, cantando e saudando-nos à nossa maneira realizar a unidade tão desejada. Graças a Deus isto já é uma realidade em muitos lugares.

* * *

A nossa fé nos ensina e o nosso coração o afirma que a Eucaristia é antes de tudo Jesus, Jesus conosco, Jesus que renova sua vida, morte e Ressurreição; Jesus que nos ama. As cerimônias, a língua, os cânticos e todo o resto são complementos, belos e até maravilhosos, mas o essencial é

PADRE CELESTINO POETTO

Na noite de 18 de Outubro do ano passado, num quarto do Hospital de Saluzzo na Itália deixava este mundo para o Céu o caríssimo Padre Celestino Poetto. De via sair do hospital dois dias depois. De repente, no silêncio, sem emcomodar ninguém, ia para Deus.

Foi espanto, luto e dor para muitos, na Itália, em Cabo Verde e na América.

Nascido em Busca em 1927, fez-se Capuchinho e foi ordenado Sacerdote em 1952. A vocação missionária fez sentir. Partiu missionário para Cabo Verde em 1960. Depois dum ano na Ilha Brava foi-lhe confiada a importante zona apostólica de S. Lourenço na Ilha do Fogo. Foram 7 anos de cansaços, de fadigas, de doação total aos outros. A pé ou de mula, andou dum lado para outro da extensa freguesia, entrando em todas as casas, amando a todos e encontrando uma solução para todos os problemas. E não faltaram as obras sociais. Fundou a escola materna de S. Lourenço, abriu uma escola de costura e bordados, criou escolas de ensino primário e construiu edifícios para estas obras e diversas Capelas. Nunca mais S. Lourenço poderá esquecer o Padre Celestino. Grave doença o obrigou a abandonar a Ilha do Fogo em fins de 1968.

A sua doação aos Caboverdianos não terminou. Melhorado o estado de saúde veio para os Estados Unidos para continuar a sua obra em favor da gente de Cabo Verde tão numerosa na América como nas Ilhas. Foi generosamente acolhido em S. Patrick pela comunidade Sacerdotal e iniciou novo trabalho apostólico em Roxbury onde vivem numerosos paroquianos de S. Lourenço, do Fogo e de outras Ilhas.

Foi um começar de novo. Com coragem e espí-



Padre Celestino Poetto (cont)

rito de sacrifício extraordinário, o Padre Celestino tentou animar e unificar a Comunidade Caboverdiana passando de casa em casa visitando a todos, como tinha feito no Fogo. E não limitou sua acção a Roxbury e Boston. Brockton, Pawtucket Scituate, East Providence foram visitados periodicamente; e os cristãos Caboverdianos de New Jersey e da California foram ajuados por cartas e telefonemas. Não conhecia descanso. A doença progredia e assim, em Abril de 1978 teve de voltar para Italia afim de descansar e se tratar. Não voltou mais. Padre John Mulloy, seu grande amigo mandou escrever o nome na pergamena que recorda, na Igreja, os Padres que trabalharam e sofreram em S. Patrick. A pergamena o lembrará para sempre. E nós também.

José Heleno Pontes



Jesus Cristo verdadeiramente presente na Assembleia. Estando Ele presente em todas as Missas, eis que se torna centro e principio de unidade, mesmo quando não podemos unir-mo-nos aos nossos irmãos fisicamente. De consequência a nossa presença à Missa todos os Domingos, além de ser um profundo acto religioso pessoal, torna-se um acto colectivo de fraternidade e unidade.

A ideia da unidade através da Eucaristia nos é confirmada com estas belas palavras de S. Paulo que concluem este editorial: "O cálice de bênção que abençoamos não é a comunhão do sangue de Cristo? E o pão que partimos não é a comunhão do corpo de Cristo? Uma vez que há um só pão, nós embora muitos, formamos um só corpo, porque todos participamos do mesmo pão".

Padre Pio



B
E
N
Ç
Ã
O

A
F.

L
E
Ã
O

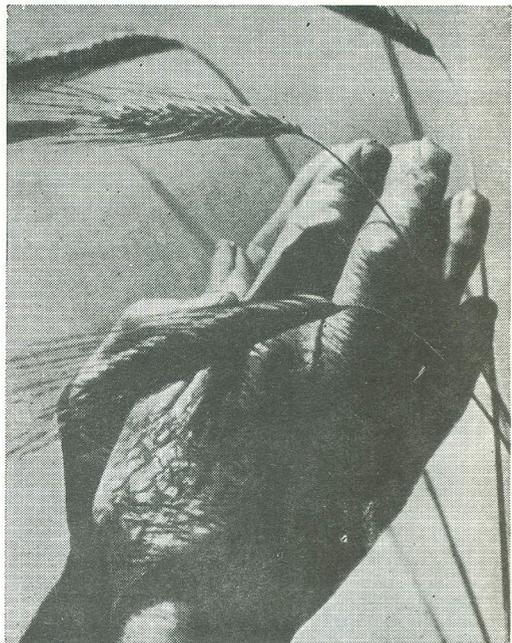
O SENHOR TE ABENÇOE E TE GARDE,
TE MOSTRE A SUA FACE
E SE COMPADEÇA DE TI.
VOLVA PARA TI O SEU ROSTO,
E TE DE A PAZ.
O SENHOR TE ABENÇOE,
IRMÃO LEÃO.

S. Francisco de Assis



A ORAÇÃO

REFLEXÃO
DESTE MES.



R
E
F
L
E
X
Õ
E
S

O homem, cada homem é pobre. Por si nada tem e nada pode. Se nos faltar Deus caímos; a Ele é ligada a nossa vida, a nossa existência, cômo a existência do mundo inteiro.

Precisamos de Deus. Afirma-o Jesus: -Sem mim nada podeis fazer.- Então compreendemos a necessidade da oração que, com certeza, é o primeiro meio para alcançar a nossa salvação.

Por graça de Deus podemos rezar.

A oração é uma graça, um dom de Deus. Quando nós rezamos, não somos nós a fazer um favor a Deus que por nada precisa das nossas orações, mas é Deus que faz o favor aos homens. É só pela bondade de Deus que nós podemos rezar.

Rezar é falar com Deus.

É colóquio pessoal com Deus. É falar-Lhe dos nossos ass-ntos, dos nossos problemas. É conversar com Deus da nossa vida, das dificuldades que encontramos na realização da nossa vida humana e cristã. A vida que vivemos oferece em todo o momento o conteúdo, o material da nossa oração.

Rezar é louvar e agradecer o Senhor.

O primeiro lugar pertence a Deus: o Pai nosso é o modelo mais perfeito de oração. Antes de mais pensamos em Deus. Deus seja glorificado, seja respeitado o Seu nome, realizado o Seu reino e feita a Sua vontade; depois pensamos em nós. Pedimos o pão de cada dia, perdão de nossas culpas, libertação de todo o mal.

A oração é meditação feita no silêncio: é criar em nós as disposições de espírito e de coração para receber o Senhor Que vem a nós com as Suas inspirações, com a Sua luz e com a Sua força para levar-nos a compreender e fazer a Sua vontade.

"Dois homens foram ao templo para orar. Um deles era fariseu e o outro era publicano. O fariseu altivo orava assim: Ó Deus, agradeço-Te porque não sou como os outros que são ladrões, injustos, adúlteros nem como este publicano que ali está. Jejuo duas vezes na semana e dou a décima parte de tudo o que gáinho. O publicano ficou à distância e nem sequer se atrevia a levantar os olhos para o céu; apenas batia com a mão no peito e dizia: Ó meu Deus, tem compaixão de mim, que sou pecador! E Jesus concluiu; Afirmei-vos que o publicano foi para casa justificado e o outro não. Pois todo aquele que se engrandece será humilhado e todo o que se humilha será engrandecido.

A humildade é a condição essencial para a verdadeira oração. O soberbo não pode rezar, pois fechado no seu egoísmo e na sua vaidade, não sabe ver os outros nem ver o Senhor nos irmãos.

Caros amigos, reflectindo seriamente sobre as muitas e várias circunstâncias da nossa vida, com certeza descobrimos que o verdadeiro motivo dos nossos muitos fracassos, sempre foi a falta de oração. - Sem Mim nada podeis fazer - disse bem Jesus.



Não nos surpreenda o desânimo por não saber rezar. Rezemos como somos capazes com o desejo de rezar melhor, mas rezemos. Um dia sem oração será um dia triste, um dia perdido.

Não posso deixar de recomendar a oração à nossa Mãe do céu. É tão bondosa e tão poderosa, é mãe de Deus e nossa Mãe. A devoção à Virgem Maria é garantia da nossa salvação. Ninguém recorre a Maria que não seja atendido, - assim assegura-nos S. Bernardo, o grande devoto da Virgem Santa -. Confiemos à Virgem Mãe a nossa vida: nela achamos o auxílio oportuno nos momentos de tristeza, de perigo e de fraqueza.

Aceitemos os insistentes convites de Nossa Senhora em Fátima e em Lourdes a rezar o terço. Será a mais bela e eficaz experiência de oração pessoal e familiar.

19



Salve, Rainha, Mãe de misericórdia, vida, doçura, esperança nossa, salve.
A Vós bradamos, os degredados filhos de Eva, a Vós suspiramos gemendo e chorando
neste vale de lágrimas.
Eia, pois, Advogada nossa, esses vossos olhos misericordiosos a nós voltei.
E depois deste desterro, nos mostrai Jesus, bendito fruto do vosso ventre.
Ó clemente, ó piedosa, ó doce Virgem Maria.

Renovação no Espírito



A Spirit-filled Conference

Por
Jeanine Beaudoin

"SEEK FIRST HIS KINGSHIP OVER YOU,
HIS WAY OF HOLINESS,
HIS JUSTICE."

This was the theme of the sixth Eastern General Charismatic Conference which took place in New York City September 21-23. His Eminence Cardinal Cooke, Archbishop of New York welcomed the gathering at Yankee Stadium which included several bishops from various dioceses and about 15,000 priest, religious, and lay people from the New England and New York regions.

It was a glorious assembly of the People of God filled with song and praise as the Holy Spirit enkindled hearts with the fire of his love and the power of the word of God.

Special translation headphones were set up in Portuguese, Spanish, and Haitian, in Yankee Stadium. On Saturday, day-long mini-conferences took place in various parts of New York City (Ecumenism, Scripture, marriage and family life youth, etc.) One such conference was entirely in Portuguese on the theme on Evangelization, and was attended by about 500 persons.

The highlight of the conference was the Mass and address led by Archbishop Dom Helder Câmara of Brazil ("Bishop of the poor"). The assembly could experience the presence of the Holy Spirit and the power of the word of God as this extraordinary bishop spoke of the reign and justice of God, reminding

us that God is our Father, Father of all people.

The Portuguese mini-conference co-ordinated by Padre Gastão A. Oliveira (Mt. Carmel of New Bedford) also included talks on evangelization and small group discussions led by Fathers José Santos (of St. John the Baptist (New Bedford), José A. dos Reis (St. Francis Xavier, East Providence) and Luis Cardoso, Espírito Santo, Fall River).

The Holy Spirit moved wonderfully during the weekend, healing many, and touching many hearts with the redeeming love of the Saviour and the strength of the word of God.

This beautiful conference concluded Sunday with a majestic celebration of the Eucharist presided by Cardinal Cooke and concelebrated by several bishops and more than 150 priests.

It was a memorable experience of the presence of God, renewing His people - all ages, races and nationalities - through the power of the Holy Spirit.

O Movimento Carismático começou influenciar a nossa Comunidade Caboverdiana. Alguns membros participam a este belo movimento em Brockton, em East Providence, em Roxbury e em Dorchester. Oito Caboverdianos de Roxbury e Dorchester tiveram a alegria de participar Conferência de New York. Que o Espírito Santo dirija toda a nossa Comunidade.



poesia caboverdiana poesia caboverdiana poesia caboverdiana poesia caboverdiana poes

*A todos os Caboverdianos
que não sabem e não querem esquecer
sua terra
dedicamos*

Londje di Cabo Verde

Companhero ausente
Di Nôs Terra 'ncadjado na mar
Entrâ nha casa
Sintâ ligô no papiâ
Feto irmon
Co distance gatchado na peto

Sodade é bonina ta dobrâ na tchon
Nôs alma é nubre 'ntranhado na londjura
Ta retratâ
Tudo qui no xâ patrâs

Sintâ no recordâ nôs morada!

Na dia di nha partida
Palmanhazinha pardâl scordâm
'N biâ nha veliz
'N sarâ pa es mundo
Num caminhada
Ta curâm lume na pé

Companhero ausente
Sintâ mäs um poco
No scutâ djunto
Um morna di Djabraba
Si bo tchorâ
'N ca ta stranhabo
Nim 'n ca ta mandâ frâ ninguem

Artur Vieira



A
P
R
O
C
U
R
A
da
nossa
i
d
e
n
t
i
d
a
d
e



Ó mar eter -- no sem fundo sem fim Ó mar de
Lam



túr-bi-das va-gas Ó mar de ti_e das bo-cas do mun-do_ai de
Mi 7



mim só me vêm do-res e pra-gas Ó mar que mal te
Lam Lam

"Temos uma música típica
que é necessário propagar."

A MORN A

A morna é, sem dúvida, o tema musical e literário que melhor define e identifica o caboverdiano. É um tema que pode ser estudado em relação a todas as ilhas de Cabo Verde. É comumente admitido entre os escritores caboverdianos que a morna teve o seu começo na Ilha de Boa Vista, e que daí passou às outras ilhas, adquirindo características próprias do ambiente social e da estrutura psicológica do povo de cada ilha. Porém, as opiniões divergem quanto as raízes da música e da palavra morna. Manuel Ferreira no seu livro "A aventura crioula" (pag.168) apresenta algumas teorias de vários autores para explicar as raízes da morna: começamos por Gilberto Freire que defende a origem antilhana da morna, pela semelhança que esta tem com as canções nostálgicas

dos franceses da Martinica, chamadas "Mornes". Esta tese é defendida por Archiball Lyall, o qual também crê, pela mesma razão, a palavra ter sido introduzida pelos marinheiros franceses por ocasião do tráfico de escravos. José Lopes considera a palavra morna de origem inglesa:

"A cantilena, a dança e o ritmo seus corrigem
Quaisquer erros por si,
pois dizem "dor": porquanto
Do "mourn" inglês vem
morna, e é lamentar; e tanto
Que é o coração chorando..
E que outra prova exigem?
"Mourner" é quem a canta,
e "mourner" quem a dança.

(Do Jardim das Hespérides)

Baltazar Lopes dá uma explicação filológica e aculturativa. Substantivou a forma feminina do adjetivo morna e com ela se designou a música e a dança típica



do Arquipêlago. Derivou o verbo "mornâ" (mornar) isto é dançar a morna, e deste o substantivo e adjectivo mornador e mornista, in o "Dialecto Crioulo de Cabo Verde", Lisboa, 1957 pg.323.

Morna é um todo em que a letra e a música se completam. A música, monótona e nostálgica joga um papel importantíssimo na transmissão da mensagem tratada na letra. No entanto esta é o que exprime toda a riqueza poetica, humana e sentimental do povo caboverdiano. O poeta caboverdiano, através da morna, canta e acarinha a namorada "cretcheu"; fala com meiguice da mãe que o gerou; enaltece a terra que o viu nascer; e, consciente da dureza da vida nas ilhas, lamenta a separação forçada, imposta pelas circunstâncias anorais mais de sobrevivência ou pela imposição despótica dos grandes senhores: o amor, os ciumes,

os fracassos amorosos, a gratidão, a saudade são exprimidos através do binário: letra e música; factos com repercussões na vida familiar, o naufrágio no alto mar dos barcos a caminho da América do Norte; a hora da partida... todos estes acontecimentos, grandes ou pequenos são transformados em canções nos tálgicas e sentimentais.

O crioulo é a língua comunemente usada para escrever a morna. Isto é de fácil explicação: se a morna tenta exprimir o sentimento do povo, a maneira mais apropriada de o fazer será através da língua que o povo fala. Assim haverá mais espontaneidade de expressão e mais autenticidade na mensagem que se quer comunicar. Porém, tanto Eugenio Tavares como outros mornistas de reno-

me escreveram mornas em português. De Eugénio podemos citar algumas como: "Mar Eterno, Camponosa formosa".

E a morna "Brada Maria" a mais antiga de que há memória na Ilha Brava está escrita em português.

A morna é cantada e dançada a qualquer altura do ano e em quaisquer ocasiões festivas. Ela é também tocada e cantada nas serenatas. A morna, obra do povo caboverdiano nas diversas circunstâncias da vida, tornou-se uma necessidade para o caboverdiano. É como um estimulante que se toma para se continuar a viver com entusiasmo. E para onde for que se desloque o caboverdiano a morna há de acompanhá-lo. Mais, ajudá-lo-á a superar os muitos obstáculos da vida.

Pode-se dizer que o Caboverdiano sem a morna é como um navio sem velas no alto mar num dia de calma.

Benvindo Leitão



A TERRA PROMETIDA

A meus pais

UM CONTO

por Armindo Fontes Barbosa

I

Augusto observou pela última vez a arca quase vazia. Havia mais de ano que ele não sabia o que era saborear uma tigela de arroz ou um naco de carne. Até o mar virara esquisito. Os peixes, outrora abundantes, foram-se a pouco a pouco fugindo desta zona de miséria e de desgraça.

Não há dúvidas! Cinco anos de seca consecutivos é um sacrifício pesado demais mesmo para este povo habituado ao sofrimento e à desgraça, à miséria e à fome. Povo resignado que se levanta com a cara virada para o Céu numa prece muda e sempre sem resposta. Povo quase ao limite das suas forças que observa as nuvens fugindo para além das montanhas levando consigo as escassas esperanças que a fantasia de sua imaginação ainda acalentava. Povo que é o próprio símbolo do sofrimento e da resistência física e psíquica. Povo martir que há séculos vem desafiando a dor. -" Deus é grande", murmurou Augusto, " Talvez no meio desta desgraça (quem sabe?) uma chuva benfazeja venha tornar tudo verde como outrora e então estas terras ubérrimas parirão frutos em abundância para os seus filhos. Sim como outrora. Bons tempos aqueles em que os meninos comiam milho verde e melancia até se saciarem indo depois brincar com naviozinhos de lata nas poças de água das ribeiras e jogavam à bola nas estradas de sertas do povoado. Bons tempos em que os homens e as mulheres trabalhavam de sol a sol na apanha do milho e do feijão e depois na recolha da palha para os animais. Bons tempos em que o granel e as tulhas eram cuidadosamente construídos nos cantos das ca-

sas pobres, quais formigas armazenando viveres para o futuro."

" Os animais pastavam pachorrentamente no montado nacional. Oh, as cabras eram tantas que o consideravam um dos maiores proprietários da região.. Mas esta seca traiçoeira e implacável foi-as dizimando uma a uma até desaparecerem quase por completo. Felizmente ainda tivera o bom senso de vender, ao desbarato, é certo, as crias e alguns animais grossos.. Com este dinheiro ele foi aguentando a sua numerosa prole durante todos estes anos de crise. Mas as reservas esgotaram-se e Paulo, o filho mais velho, o único que o podia ajudar, morrera quando pescava naquela baixa do Alcatraz. Pobre Paulo, sempre se preocupara com os problemas da família. Aquela vaga surgiu como que por encantamento de bruxas e cobriu o penedo o penedo com uma fúria demoníaca e Paulo desapareceu para sempre..."

Augusto saiu à porta do casebre deixando uma lágrima teimosa escorrer pela face. Lançou um olhar vago e indeciso por todo aquele vasto horizonte, desde o monte João Fernandes até a Serra, Monte Largo e Balantina, desde Monte Carmo, cinzento e agreste e Monte Verde, que de verde só lhe ficou o nome, até ao mar distante, alheio e infinito.

- " Para além do mar há terras grandes e fartas. Há América..... Dizem que na América a gente dá pontapé ao dinheiro. América sonho cor-de-rosa dos pobres de todo o mundo."

No céu nem uma nuvem vinham quebrar a monotonia rescaldante do sol tropical. Nem sequer uma aragem vinha trazer um pouco de suavidade às agru-





ras do tempo e das almas!

As poucas árvores existentes vergaram-se ao peso desta seca estranha e prolongada.

Estava-se cumprindo o destino dos filhos da Ilha.

II

Augusto observou cuidadosamente aquele pedaço de terreno que o sogro tinha comprado com o dinheiro ganho de-ribo-de-água-domar no palhote Marlene. Situado na Chã das Caldeiras a 2000 metros de altitude, entre a serra enorme fechando-se em semi-círculo numa extensão de mais de 9 Kilômetros, e o vulcão qual colosso de 3000 metros dominando a Ilha, a propriedade era pequena mas fertilíssima.

Ao contrário do resto da Ilha ali se observava um fenômeno deveras curioso. Na época das chuvas a água conservava-se no subsolo e subia por capilaridade à superfície na época seca mantendo a terra com humidade suficiente para fazer germinar a semente, crescer a planta e produzir saborosos frutos duas vezes ao ano.

"Terra farta em tempos de chuva"-pensou Augusto.

"Qual é a terra de Nosso Senhor por mais fértil que seja que é capaz de resistir a tão prolongada seca? Seca de que não

há memória de filho de parida ter experimentado a face da terra!"

O primeiro tremor de terra veio lentamente, suavemente qual mãe embalando o filho querido ao som duma doce melodia.

"Sinal certo dos antigos e que nunca falha"- pensou Augusto.

"Este tremor de terra é o prelúdio de um ano de fartura."

Mal Augusto tinha acabado este pensamento quando um segundo tremor, seguido de um outro ainda mais violento se fez sentir. Estrondos satânicos vinham das entranhas da terra, daquela terra seca e martir que aos berros violentava os céus clamando misericórdia. Nisto um estrondo mais forte orrível, fez sair das profundezas daquele inferno lume, fumo, lavas, cinzas e escórias em miríades indescritíveis que o medo não deixou apreciar. Mais e mais crateras se abriram vomitando sempre os mesmos produtos com uma fúria insana atingindo alturas incomensuráveis e lançando pedras incandescentes a distancias incríveis. As nuvens de fumo encobriam o sol criando um ambiente dantesco naquele inferno de miséria, de fome e de sofrimento.

Augusto ouviu os gritos, choros de mulheres, de velhos, de crianças, de homens de todas as idades que vinham das povoações circunvizinhas. Gentes corriam ao acaso à procura dos familiares deixando as casas abertas e abandonadas. Os animais misturavam-se com as pessoas naquela carreira desenfreada e sem norte.

Quando Augusto teve a certeza de que era o fim do mundo desatou a correr como como um louco na mira de morrer ao lado da mulher e dos filhos. Grossas batedas de suor inundavam-lhe a fronte e a cabeça, incapaz de coordenar ideias, parecia que estorava. Por mais que corresse tinha a impressão de que não saia do mesmo lugar. Então exausto atirou-se ao chão e esperou que a morte o viesse buscar....

No entanto, embora o ruído continuasse, os tremores de terra mais espaçados faziam prever que das entranhas da Ilha já não havia mais nada para vomitar. Só a areia negra e brilhante, que atingira a Ilha vizinha, crescia constante e incessantemente nas ruas da cidade e constituía uma verdadeira ameaça à essa gente indefesa e impo-

tente para combater tão grande castigo. Os largos, as praças públicas e os lugares afastados das casas encontravam-se coalhados de gentes de todas as condições económicas e sociais, irmanadas na mesma ânsia de não perecer esmagadas pelos prédios que a qualquer momento podiam cair. As velhas rezavam. As crianças escondiam-se debaixo das saias das mães chorando a fome e o medo.

Vivia-se o inferno na Ilha prometida.

III

Nos princípios do mês de Agosto quase toda a sementeira já se tinha perdido irremediavelmente. O milho, os feijões, a abóbora e a melancia que nasceram com tanto vigor quedaram-se impotentes antes o sol escaldante que se fizera sentir por quase todo o mês de Julho. O vento leste, seco e quente, levantava poeiras daqueles campos ressequidos onde as plantas e as esperanças deste povo sofredor lentamente morriam. Naquele dia 5 de Agosto, dia de Nossa Senhora do Socorro, o sol queimava mais de que nunca. A maior parte das pessoas que costumavam ir rezar ao Santuário de Nossa Senhora, situado a uns dez quilómetros da pequena povoação dos Saltos, quedou-se em casa pois era impossível viajar de baixo daquele calo tórreo.

Nininha, a mulher de Augusto, saiu à rua e sentiu o calor queimar-lhe a face enrugada pelo sofrimento. Lembrou-se então do Santuário de Nossa Senhora do Socorro naquele rochedo ao pé do mar, do rosário natural encrustado na rocha e feito com pedras tão grandes que homem nenhum seria capaz de as remover. Reviu mentalmente o local onde Nossa Senhora tinha aparecido e a lenda que precedeu à construção daquela capela.

Conta-se que a imagem de Nossa Senhora do Socorro aparecera ali naquele rochedo a 7 quilómetros ao Sul da Cidade sem que ninguém a tivesse transportada para aquele sítio. O Pároco da cidade acompanhado de gente grande, proprietários, comerciantes, fun-

cionários públicos e povo anónimo conduziu a imagem em solene procissão à Igreja Matriz de S. Filipe. Porém, no dia seguinte, sem saber como, a imagem voltara ao rochedo donde domina com o seu olhar protector todo o mar imenso até a linha do horizonte.

Nossa Senhora socorria dali os mareantes em aflição. Nossa Senhora a quem os viajantes pediam protecção na hora da amargura: Nossa Senhora de Boa Viagem... Nossa Senhora do Mar... Nossa Senhora da Água...

Sim, Nossa Senhora das águas - murmurou Nininha. Mal tinha acabado de pronunciar estas palavras, Nininha entrou no pequeno quarto quase vazio e retirou do oratório a imagem grande de Nossa Senhora e depositou-a mansamente no muro de pedras soltas do quintal.

- "Veja Senhora como este sol queima. Se me queima a mim com certeza que vos queima a Vós também, Senhora.

Nininha manteve-se algum tempo como que petrificada ante aquela imagem antiga e desbotada que fora da sua trisavó bracarense.

Momentos depois, no cume da serra, por cima da Cova Tina, apareceu uma nuvem tão branca e tão pequenina que não parecia

a senão uma mancha brilhante no meio daquela luminosidade intensa.

Ainda não se tinha passado meia hora, quando o Céu, coberto de nuvens negras carregadas de água, deixou cair as primeiras bôtegas. Os relâmpagos entretanto fuzilavam, os trovões rebentavam com estrondos tremendos e a chuva caiu copiosamente. Nininha não se moveu do sítio onde se encontrava antes, deixando que aquela água benfazeja, que penetrava profundamente no solo ressequido, a encharcasse completamente.

Sim, aquela água que era o símbolo da vida, produto da fé de Nininha e da força protectora de Nossa Senhora das Águas.

* * *
* * *
* * *





João Paulo II em Boston

Toda a América, Boston, nós todos, temos ainda os olhos e a alma cheios da figura, das palavras e dos ensinamentos do Papa João Paulo II. Todos os jornais e revistas falaram amplamente deste acontecimento extraordinário. O FAROL vai focar somente impressões e factos que se referem à nossa Comunidade Caboverdiana. Começamos por dar a palavra a um nosso leitor e colaborador.

* * * * *

Caro Farol:

A Cidade de Boston está de parabens por ter tido a honra de uma visita santa. Todos os cristãos Católicos tiveram uma boa oportunidade de conhecer o Homem da Paz, capaz de destruir as contendas do mal pela força do bem.

O Papa João Paulo II percorre o mundo para recomendar aos cristãos a importância de viver dentro da vontade de DEUS. Estou certo que muitos tiveram a ocasião de explorar a rectidão das coisas, para condenar a loucura do mal, a demência e a falta de razão. O único problema foi a preocupação de alguns por causa do dinheiro que se gastou. Judas, o Apóstolo interesseiro também tinha criticado uma mulher, por ter derramado sobre a cabeça de Jesus um vaso de alabastro com um perfume de alto preço, dizendo: "Para que este desperdício? Podia ter-se vendido por bom preço e dar-se o dinheiro aos pobres". Jesus condenou esta ideia e disse: "E lá praticou comigo uma boa obra. Tereis sempre pobres entre vós, mas a mim nem sempre me tereis". Da mesma maneira deveríamos pensar que o Papa nem sempre estará connosco. Um bom cristão deve conhecer o tempo de criticar. Agora pesa no coração dos inimigos da Igreja uma grande preocupação. Acho que é um deleite para os olhos ver o Chefe Supremo da nossa Igreja a sorrir, dando paz, reconciliação e amor a todos.



PAPA JOÃO PAULO II - HOMEM DA PAZ

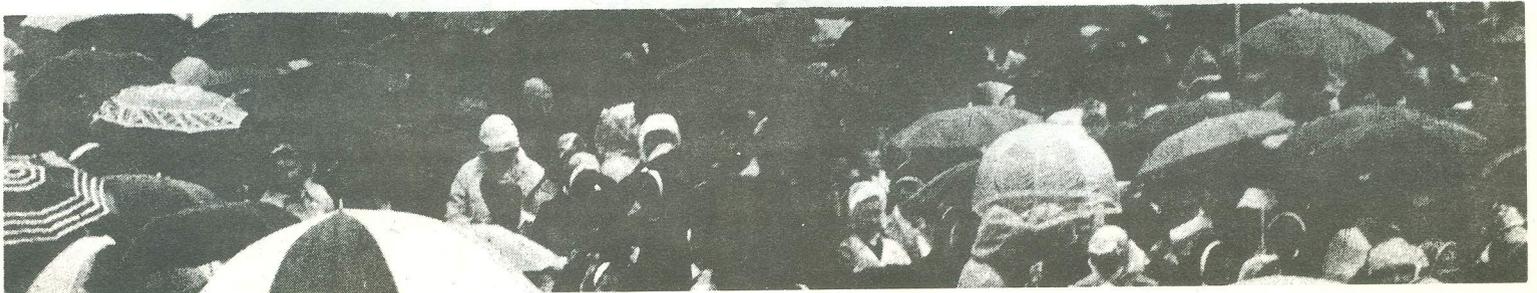
O Papa João Paulo II mostra ao mundo a plenitude da sua união com Jesus. A Igreja de Cristo que é de ontem, de hoje e de sempre fala aos homens do século vinte uma linguagem de liberdade e compreensão mútua. Jesus recomendou a S. Pedro a fecundidade da Igreja e quer que seus dons se traduzam ao mundo pela Igreja Católica como elemento fundamental da fé e da salvação.

Igreja Católica! Tu es bela porque a tua doutrina evangélica é susceptível de progresso e abertura a novos ensinamentos concordantes com os antigos.

Igreja Católica! Tu es sempre viva porque cada dia andas a crescer e progredir sem alterar ou adulterar a tua substância.

BENE VULGO AUDIRE EST ALTERUM PATRIMONIUM!

Alberto Loff Fernandes



CABOVERDE

AMERICA

CABOVE



AMERICA

CABOVERDE

AMERICA

A NOSSA COMUNIDADE

ABENÇOADA

Mais uma vez o Papa, e com Ele os que organizaram sua viagem em Boston, mostrou-se o Papa dos pobres e dos pequeninos; e a nossa Comunidade pobre e pequenina foi abençoada de forma toda particular.. João Paulo II atravessou, na sua passagem o coração de Roxbury, um dos centros maiores das Comunidades Caboverdianas na América. Grandes escritas de VIVA O PAPA e A COMUNIDADE CABOVERDIANA TE SAUDA mostraram o entusiasmo da nossa gente.

E a gente da nossa terra tinha vindo de todas as partes: New Bwdford, Pawtucket, Brokton, etc

Quatro crianças da nossa comunidade receberam a comunhão pelas mãos do Papa. Dois jovens as acompanharam. Foram e estão felizes. Ao vê-las na Televisão sentimo-nos felizes e percebemos que na Igreja somos todos iguais.



Alguns jovens também representaram a nossa juventude de ao pé do Altar no Commom. E tanta nossa gente foi para lá depois da passagem do Santo Padre em S. Patrick. E foram a pés apesar da chuva e do mau tempo. Ao Antônio, uma das crianças da comunhão, que estava a tremer de frio, foi perguntado se tivesse frio e ele responde simplesmente: "Não, estou tão contente e feliz".



ESPERANDO O PAPA.....

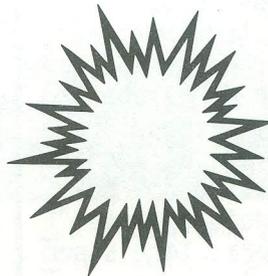


O PAPA JOÃO PAULO II ABENÇOANDO ROXBURY E OS CABOVERDIANOS.....

Profunda comoção ficou na alma de todos os que fixaram seus olhos no olhar sorridente do Papa; e suas palavras deixaram um sulco no coração. Palavras simples e extremamente claras que chamam todos os cristãos a um maior sentido de responsabilidade. Todos os grandes problemas da vida humana e cristã foram abordados e foram reafirmados os grandes princípios que devem dirigir a nossa vida. Condenou o divórcio, o aborto e outras práticas condenadas pela moral cristã.

Recordou os direitos de todos os homens. Invocou a Paz, a Paz para o mundo inteiro.

Partiu deixando saudade e deixando também em todos o desejo, a vontadede sermos melhores.....



E ELE REZANDO POR NÓS.....

CABOVERDE

AMERICA

CABOVE

AMERICA

CABOVERDE

AMERICA



PROVIDENCE R.I.
MATERIAIS DIDACTICOS
PARA ALUNOS CABOVERDIANOS

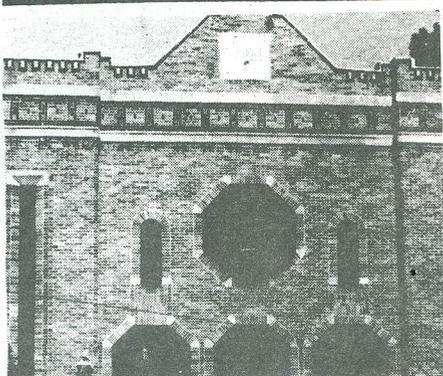
Hã meses foi fundado na Universidade de Brown em Providence, Rhode Island, um Centro de desenvolvimento de materiais didacticos em português e em crioulo para as crianças portuguesas e caboverdianas que frequentam as escolas americanas. A Universidade de Brown está situada na parte leste da cidade de Providence, nos arredores de Fox Point, onde os primeiros caboverdianos se estabeleceram quando vieram para os Estados Unidos da América do Norte. Pela primeira vez, na história do nosso povo há uma tentativa de se desenvolver materiais didacticos na nossa língua, língua essa que é facilmente compreendida pelas nossas crianças que não falam o português. As autoridades americanas acharam que a língua caboverdiana é tão válida como qualquer outra língua falada no mundo e, por isso, concordam que ela seja desenvolvida e ensinada nas escolas. Este projecto é subsidiado com fundos do Governo Federal destinados aos programas bilíngues.

Benvindo Leitão

PAWTUCKET R.I.

A Comunidade cristã de Pawtucket vai renovado-se e crescendo cada vez mais sob o impulso apostólico do Padre Sousa. A nova Igreja regista a presença cada vez mais numerosa de fieis. Já se celebrou, no novo templo um casamento e diversos bap

tismos. Existe uma escola de Canto Coral e de Música e iniciou-se um curso de ca



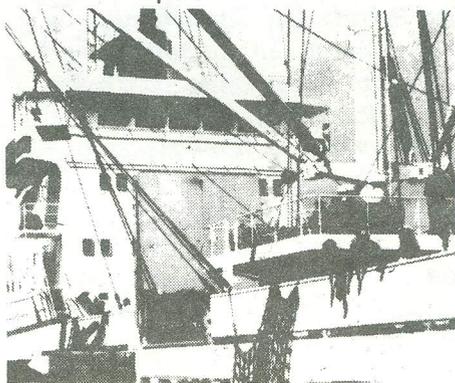
tequese para crianças. Os jovens também começaram fazer umas reuniões.

No dia 30 estiveram presentes e concelebraram o Padre Provincial dos Capuchinhos de Turim, o Padre Leonardo Garzino e o P. Pio. É de recordar que a maioria da Comunidade é formada por ex-paroquianos da Ilha Brava, missionada pelos Capuchinhos.

NEW BEDFORD MA

Alguns membros da Comunidade, oriundos da Brava organizaram mais uma festa para recolher fundos para a Igreja de Nossa Senhora do Monte.

A Missa da Comunidade será celebrada todos os meses no último Domingo. Agradecemos sinceramente o Padre Raphael.



No dia 12 largou de New Bedford para Cabo Verde o navio-motor ILHA DO MAIO. Levava 700 toneladas de carga no valor de mais de 300.000 dólares, na maioria dadas para parentes e amigos. A Companhia (do Governo de Cabo Verde) concedeu o frete gratuito para 9 bidões que os Cristãos de New Bedford enviaram para os pobres.

BROCKTON MA

Os Caboverdianos de Brockton reúnem-se agora duas vezes por mes para celebrar a Eucaristia.

Será constituído quanto antes um Grupo de Oração. Pensa-se em alugar uma casinha para criar um centro animador.

ROXBURY MA

O ultimo mes foi muito intenso para a nossa Comunidade. No dia 15 tivemos a visita do Bispo Auxiliar Dom Lawrence J. Riley. Falou com simplicidade ao nosso povo reunido para a celebração da Eucaristia.



Mostrou-se muito satisfeito e louvou a nossa comunidade pela fé que manifesta.

CABOVERDE

AMERICA

CABOVE



AMERICA

CABOVERDE

AMERICA

No Domingo seguinte tivemos a visita do Padre Boaventura D'Urso, superior dos Capuchinhos missionários em Cabo Verde e em Boston. Presidiu à Eucaristia e trouxe notícias e abraços dos nossos irmãos de Cabo Verde.

A nossa Missa do dia 30 foi filmada pela Televisão do programa Nacional em preparação do programa da visita papal.

A Paróquia de S. Patrick está preparando o seu BAZAR

anual ao qual participará a nossa Comunidade.

É já razoável a frequência da Eucaristia e da catequese. Boa também a presença dos jovens à leitura do Evangelho.

Dois irmãos e amigos partiram deste



mundo para o Céu: João Pires Andrade, natural do Fogo (S. Lourenço), tinha vindo para a América muito novo. Visitando sua terra algumas vezes tinha sempre ajudado os Padres missionários de S. Lourenço; LUIS MADEIRA, era natural de Santiago, mas tinha passado toda sua vida na Brava. Educou com primor seus 14 filhos que, com a esposa, 7 genros e noras e inumeráveis amigos o acompanharam no funeral em Weymouth.

N O T I C I A S D E C A B O V E R D E

NOVA SECA MARTIRIZA

CABO VERDE

A esperança mais uma vez falhou. Uma seca prolongada é um abraçador vento leste tirou as esperanças dum ano agrícola bom. Poucos sítios privilegiados produzirão alguma coisa. A situação é triste e crítica. Esperamos que o Governo possa actuar com prontidão em favor dum povo já tanto martirizado.

NA DIOCESE DE CABO VERDE

Todos os Padres e as irmãs reuniram-se no mes de Setembro na Cidade da Praia para umas semanas de estudo e de retiro. As semanas foram orientadas por Padres e irmãs da organização religiosa denominada "MUNDO MELHOR".

O Senhor Bispo, Dom Paulino Évora, continua visitando as paróquias animando as Comunidades.

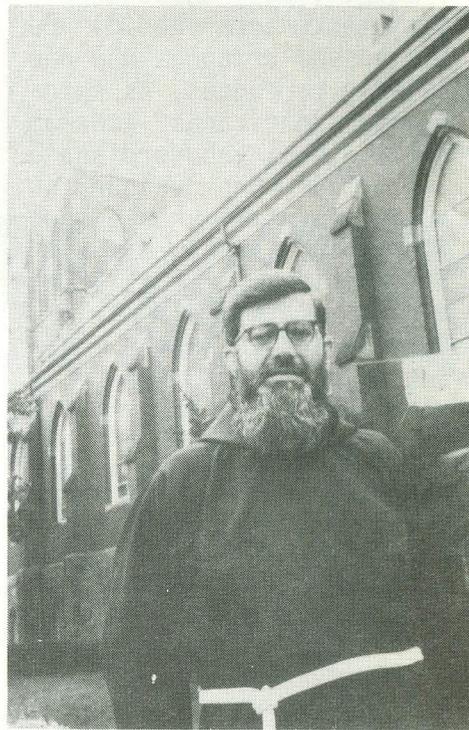
CAPÍTULO DOS PADRES CAPUCHINHOS

Os Frades Capuchinhos que trabalham em Cabo Verde reuniram-se na Ilha de S. Nicolau sob a presidência do Padre Francisco Toppi, da Cúria Geral e com a presença do Padre Boaventura D'Urso.

Foi uma semana muito importante para o futuro dos Capuchinhos em Cabo Verde.

Duas são as principais decisões tomadas. A primeira é a constituição da Vice Provincia Capuchinha de Cabo Verde. A segunda é a erecção duma casa da Ordem em S. Vicente. Nessa casa funcionará o Noviciado para a formação dos Capuchinhos Caboverdianos.

Quatro são actualmente os Sacerdotes Capuchinhos naturais de Cabo Verde: P. Paulino Andrade Pina, P. An



Padre Boaventura D'Urso
Provincial Capuchinho ✱

CABOVERDE

AMERICA

CABOVERDE

AMERICA

CABOVERDE

AMERICA



tônio Fidalgo de Barros, P. Elídio Ramos e P. João Antônio Araujo. Frei Augusto Burgo é irmão na mesma Ordem. Hã um noviço e quatro aspirantes. O futuro é promissor e Cabo Verde bem o merece.

S. NICOLAU

Grande festa em S. Nicolau no Domingo 26 de Agosto

A grande Igreja de Nossa Senhora do Rosário na Vila de Ribeira Brava estava repleta de gente para a ordenação Sacerdotal do Diaco no Capuchinho João A. Araujo.

Consagrante foi o Bispo de Cabo Verde que estava rodeado por todos os Padres Capuchinhos. Ao novo Padre desejamos felicidades e muito e bom trabalho na vinha do Senhor.

P O R T O N O V O

Morte do Padre Evaristo. Tinha ido fazer catequese numa aldeia distante. Tinha sede e bebeu duma água qualquer. Atacado por febre tifóide, lutou por uma semana e, na noite de 29 de Setembro falecia.

Nacido em 1915, ordenado Sacerdote em 1942, trabalhou por muitos anos em Itália até que, chamado por Deus, partiu para Cabo Verde em 1968.

Trabalhou em S. Filipe, na Brava, em S. Nicolau, nos Mosteiros, no Sal e, enfim, no Portonovo onde a irmã morte o esperava. Generoso até ao sacrifício fez-se a mar por todos apesar do seu caracter um pouco forte. Deus o tenha na sua glória, e chame alguém para substituir o Padre Evaristo.



I L H A B R A V A

Apesar da seca a nossa Ilha viveu uma certa alegria trazida por dezenas de emigrantes que a visitaram nas férias passadas.

Continua a escassês de barcos, doença verdadeiramente crónica.

Fé, amor e uma excepcional frequencia de fieis marcaram a festa de Nossa Senhora da Graça em NS do Monte.

Recomeçou a sua obra de amparo e de educação a Escola Materna que vai celebrar este ano o seu vigésimo aniversário.

I L H A D O F O G O

MOSTEIROS

O novo Sacerdote Capuchinho Padre João foi colocado nos Mosteiros e começou seu trabalho com entusiasmo. Todos estão contentes e no mesmo tempo tristes, pois o Padre Frederico, tão amado, foi transferido para S. Vicente.

IGREJA DE S. JOÃO BAPTISTA

Nos Mosteiros todos lembram ainda o PADRE GUILHERME que nós também queremos lembrar com esta fotografia que simboliza a sua caridade e simplicidade.



Esperamos poder oferecer, no proximo mes, um noticiario mais esauriente